



W147e

04654/BCCL



T/UNICAMP
W147e
BCCL

UM ESTUDO SINTÁTICO DAS ORAÇÕES
FINAIS NO PORTUGUÊS

por

JOHN WYLIE WALDREP

Dissertação apresentada ao De
partamento de Linguística do
Instituto de Filosofia e Ciên
cias Humanas da Universidade
Estadual de Campinas como re
quisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Lingüís
tica

Campinas

1981

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

To my parents

AGRADECIMENTOS

Ofereço meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas que me ajudaram de uma maneira ou outra durante a realização deste trabalho:

Ao meu orientador, Dr. Frank R. Brandon, pelo constante apoio e dedicação com os quais me orientou durante a elaboração deste trabalho e à sua esposa, Dra. Maria Zélia Simonetti Brandon, pelo grande apoio moral que me rendeu. A sua amizade é um motivo de grande orgulho para mim.

Aos Drs. Maurício Brito Carvalho e Lucy Seki, os outros membros da minha banca, por terem lido uma versão preliminar deste trabalho e me oferecerem valiosos comentários e sugestões.

Ao meu colega e amigo, Prof. Geraldo Cintra, que discutiu vários problemas do português comigo, além de ser um dos meus principais informantes.

A todos os brasileiros que me ajudaram como informantes e tornaram a minha estada no Brasil muito mais agradável. É impossível mencioná-los todos aqui, mas eles sabem quem são e quero que saibam da minha sincera gratidão.

Aos meus pais, sem cujo apoio moral e financeiro este trabalho jamais teria sido possível.

RESUMO

Este trabalho visa ser um estudo descritivo das orações finais do português dentro de uma abordagem gerativo-transformacional. Embora não seja a nossa intenção defender um dado modelo da gramática gerativa, tentamos sempre manter em mente a função das transformações, isto é, o conflito lexicalista / transformacionalista. Em vista disso, foram comparadas muitas vezes duas análises dos mesmos fatos, uma utilizando transformações e a outra regras lexicais. Estudamos vários fenômenos básicos das orações finais numa tentativa de verificar se as soluções oferecidas para outros complementos oracionais no português também são válidas para as orações finais.

Índice

Capítulo 1.....	3
Introdução	
Capítulo 2.....	6
Estrutura das Orações Finais	
2.0 Introdução.....	6
2.1 <u>Para</u> e <u>a fim de</u> são Preposições.....	8
2.1.1 O Infinitivo e o Subjuntivo são Orações.....	10
2.1.2 Orações podem ser Expansões do SN.....	12
2.1.3 Orações Finais são Sintagmas Preposicionais.....	12
2.1.4 O Escopo de Sintagmas Preposicionais.....	12
Capítulo 3.....	15
Complementização	
3.0 Introdução.....	15
3.1 A Hipótese de Geração dos Complementizadores na Base.....	15
3.1.1 Problemas com o Ciclo Estrito dentro de uma Hipótese de Inserção.....	17
3.1.2 Problemas Semânticos com Inserção.....	17
3.1.3 A Hipótese de Geração.....	18
3.2 Uma Hipótese de Inserção de Complementizadores....	19
3.2.1 Factividade no Português.....	20
3.2.2 Previsibilidade do <u>que</u>	22
3.3 A Hipótese de Bresnan.....	23

Capítulo 4.....	28
Preposições	
4.0 Introdução.....	28
4.1 Explicações Possíveis da Tabela (A).....	30
4.1.1 Subcategorização.....	30
4.1.2 Transformação.....	31
4.1.3 Filtro.....	33
4.2 A Análise do Perini.....	34
4.2.1 EQUI Obrigatória.....	35
4.2.2 Verbos e Preposições.....	40
4.2.3 Formalização da Análise.....	41
4.2.4 Aplicação.....	42
4.2.4.1 Preposições.....	42
Capítulo 5.....	48
Conclusões	
Apêndice.....	50
Bibliografia.....	51

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende ser um estudo antes de tudo descritivo das orações finais do português. O estudo pode ser justificado por várias razões teóricas. Não temos conhecimento de qualquer outro estudo metódico da oração final, tal como será definida aqui; portanto, não sabemos se as soluções oferecidas para outros complementos oracionais no português também são válidas para as orações finais. Além do mais, nem sabemos qual é a estrutura das orações finais em relação aos outros complementos que aparecem na língua. A nossa tarefa, então, é a de descrever o comportamento sintático das orações finais dentro de uma abordagem gerativo-transformacional. Infelizmente, não nos é possível abordar todos os diversos tipos de oração que expressam finalidade de uma forma ou outra; limitar-nos-emos, portanto, à oração final que se apresenta sob uma das seis formas seguintes:¹

- (1) João aprendeu russo para poder ler Dostoievski.
- (2) Maria escreveu este relatório para que se soubesse a verdade.
- (3) Jamil fez o doutoramento a fim de que seu pai se orgulhasse dele.
- (4) Fomos a Speranza para comer uma pizza.
- (5) Fomos a Speranza a fim de comer uma pizza.
- (6) Fomos a Speranza comer uma pizza.

Este trabalho será dividido da maneira seguinte: no capítulo 2, argumentar-se-á a favor de um tratamento de oração final como sintagma preposicional, demonstrando-se que este tipo de oração sempre pode ser introduzido por uma preposição. No capítulo 3, será abordado o fenômeno de complementização. Apresentaremos duas teorias sobre o status dos complementizadores: uma (Bresnan, 1970) que os gera na base, e outra (Perini, 1974) que introduz o complementizador que transformacionalmente. Será mostrado que a análise de Bresnan não é adequada para dar conta dos fatos do português. No capítulo 4, consideraremos a distribuição das preposições para e a fim de. Estabeleceremos os contextos nos quais cada uma dessas preposições pode aparecer e demonstraremos que a análise de Perini (1974), apresentada no capítulo 3 e mais elaborada no capítulo 4, dá conta dos fatos encontrados no português de uma maneira muito convincente. Serão mostrados, também, os contextos nos quais a preposição pode ser apagada e daremos uma regra transformacional que explica este fenômeno. Finalmente, no capítulo 5, apresentaremos as nossas conclusões.

NOTAS AO CAPÍTULO 1

1. Escolhemos estas formas porque nos parecem ser as mais básicas, uma vez que são justamente as formas escolhidas por muitos gramáticos tradicionais para definir a oração final.

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA DAS ORAÇÕES FINAIS

2.0 Introdução

Neste capítulo, tentaremos estabelecer como as orações finais devem ser analisadas dentro de uma abordagem gerativo-transformacional do português. Sugeriremos que tais orações devem ser tratadas como sintagmas preposicionais e não como uma sub-espécie das orações subordinadas adverbiais, como geralmente têm sido consideradas pelos gramáticos tradicionais do português.

Antes de entrarmos na questão de qual seria a estrutura das orações finais, devemos tentar defini-las de alguma forma. Os gramáticos tradicionais do português não entram em detalhes, mas de modo geral, concordam no que seja uma oração final, isto é, uma oração introduzida por: para, para que, a fim de ou a fim de que, e que expressa finalidade. M. Said Ali, por exemplo, na sua Gramática Secundária da Língua Portuguesa, nos dá a seguinte definição de oração final:

"A oração final representa o intento ou propósito a que se dirige ato expresso na oração subordinante. Caracterizam-na as locuções a fim de que e para que:

Faziam este serviço para que pudessem ganhar de comer.

Ganhava forças para aturar os rigores da Ordem.

Dissimularam a sua arrogância a fim de serem logo admitidos.

Para ser feliz não basta possuir riquezas.

A linguagem antiga podia empregar porque ou por com significado equivalente a para que e para:

'Por não nos magoarmos ou mudarmos do propósito firme começado, determinei de assi nos embarcarmos (Camões).'

pág. 143

A oração final introduzida por por ou porque não será abordada aqui, uma vez que este é um estudo sincrônico.

Vejam os agora o que estes tipos de oração final têm em comum. Vemos que a forma subjuntiva do verbo da oração final ocorre com as locuções para que e a fim de que, enquanto que encontramos a forma infinitiva com para e a fim de. Representamos esta distribuição assim:

para que...V_{subj.}

a fim de que...V_{subj.}

para...V_{inf.}

a fim de...V_{inf.}

Concluimos, então, que a presença de que nas orações finais exige a forma subjuntiva do verbo, enquanto a ausência deste complementizador exige a infinitiva.

Nas seções que se seguem mostraremos que: 1) para e a fim de são preposições, 2) tanto a construção subjuntiva quanto a infinitiva são orações completas e 3) orações podem ser expansões do sintagma nominal (SN). Desta maneira, estabeleceremos que as orações finais são sequências 'Prep. SN' e, portanto, são sintagmas preposicionais (SP). Pretendemos mostrar através dessas questões que o sintagma preposicional preenche os requisitos para servir de estrutura de superfície para as orações finais e que existem correlações entre os complementizadores das orações finais e os de outros complementos oracionais do português.

2.1 Para e a fim de são Preposições

Para é uma preposição por definição. É plausível que a fim de também o seja, pois sabemos que existem várias locuções preposicionais (prepositivas) complexas que se comportam como uma só unidade: em cima de, embaixo de, ao lado de, dentro de, e perto de, para citar apenas alguns exemplos.

Primeiramente, todas estas locuções funcionam semanticamente como preposições simples. Por exemplo:

- (7) Há uma bola em cima da mesa.
- (8) Há uma bola sobre a mesa.

- (9) Quem colocou a minha mala embaixo da cama?
- (10) Quem colocou a minha mala sob a cama? ¹

Essas locuções prepositivas funcionam também como uma unidade sintática, o que é evidenciado claramente quando se nota que não podem dividir-se:

- (11) Há uma bola em cima da mesa.
- (12) Em cima de que há uma bola?
- (13) Em cima de qual mesa há uma bola?
- (14) A mesa em cima da qual há uma bola é feita de jacarandá.
- (15) *De que há uma bola em cima?
- (16a) Pergunta: Onde está a bola?
- (16b) Resposta: *Está na cima da mesa.

Visto que é comum introduzir os infinitivos por preposições (ao chegar; para dizer a verdade,...; Tenho muito prazer em vê-lo., etc.), e visto que não há nenhuma outra categoria na qual a fim de possa ser enquadrada, concluímos que a fim de é uma preposição. Também deve pesar o fato de que, se esta locução prepositiva não for analisada como uma preposição, será necessário aumentar o número de regras de estrutura sintagmática, criando um novo sintagma.

O nosso argumento principal a favor de uma análise que trata as orações finais como sintagmas preposicionais é o fato de que é sempre possível introduzi-las por preposições. Embora existam certos casos nos quais a preposição da oração final pode apagar-se, ela não pode ser suprimida livremente, apagando-se apenas em certas constru-

ções muito particulares (veja o conjunto 17 abaixo). Abordaremos o caso de apagamento da preposição de orações finais no capítulo 3; por enquanto limitar-nos-emos à consideração da estrutura da oração final.

- (17a) Cozinhei para você comer.
- (17b) Cozinhei para que você comesse.
- (17c) Cozinhei a fim de que você comesse.
- (17d) *Cozinhei você comer.
- (17e) *Cozinhei que você comesse.
- (17f) Irei a São Paulo para conversar com João.
- (17g) Irei a São Paulo conversar com João.

2.1.1 O Infinitivo e o Subjuntivo são Orações

Acabamos de mostrar que as orações finais sempre começam com preposições, embora estas se cancelem opcionalmente em alguns contextos. Seguindo a preposição da oração final (lembremo-nos de que sempre há uma preposição na estrutura profunda), há uma construção infinitiva ou subjuntiva. Passaremos rapidamente a mostrar que tanto o subjuntivo quanto o infinitivo são de fato orações. Este ponto de vista é compartilhado por outros linguistas que estudam o português (Barbara 1975; Perini 1974; Quicoli 1972); por isso, não entraremos em muitos detalhes aqui. (Para outros argumentos mais detalhados, referimos o leitor aos trabalhos de Barbara, Perini e Quicoli citados acima.)

Todos os verbos têm formas de infinitivo e de subjuntivo. Além do mais, os infinitivos e subjuntivos têm su-

jeitos, sejam estes implícitos ou explícitos.² Considere os exemplos do conjunto (18) abaixo:

- (18a) É ridículo tu te suicidares.³
- (18b) É ridículo que tu te suicides.
- (18c) Jamil crê ser isto útil.
- (18d) Jamil crê que isto seja útil.

Os verbos nas formas subjuntiva e infinitiva também podem ter os mesmos complementos que aparecem na forma indicativa: objeto, advérbio, etc.

- (19a) Eu joguei a bola.
- (19b) que eu jogasse a bola
- (19c) ao jogar a bola

- (20a) Eu passeei vagarosamente.
- (20b) que eu passeasse vagarosamente
- (20c) ao passear vagarosamente

Assim, vemos que as construções com verbos no infinitivo ou subjuntivo têm todas as características de superfície de orações. O fato de essas duas estruturas (construções infinitiva e subjuntiva) serem de fato orações nos leva à conclusão de que teremos sempre a mesma estrutura de superfície nas orações finais, isto é: 'Prep O', sendo a única diferença a escolha do complementizador, ou seja, a estrutura será sempre a mesma, mas o complementizador e, em função deste, a forma verbal são variáveis.

2.1.2 Orações podem ser Expansões do SN

Existem muitas análises gerativas do português (Barbara 1975; Perini 1974; Quicoli 1972) segundo as quais o sintagma nominal pode reescrever-se em 'O'. Os argumentos principais focalizam o caso de sujeitos oracionais, substituição das orações complementos por pronomes, passivização, etc. Pelo fato de existirem tais estruturas, constatamos que o sintagma nominal e a oração têm a mesma função sintática na gramática gerativa. Vê-se, então, que a expansão do sintagma nominal em oração num sintagma preposicional poderia levar à estrutura de superfície 'Prep O'.

2.1.3 Orações Finais são Sintagmas Preposicionais

Analisando essas orações como sintagmas preposicionais, então, preservamos uma generalização que seria perdida se fôssemos tratá-las de maneira diferente. Pois de outra maneira seria necessário ter uma regra distinta de estrutura sintagmática do português, a qual não poderia captar essa relação existente entre sintagmas preposicionais simples e orações finais. Por esta razão, cremos ter apresentado evidência suficiente para justificar uma análise sintática da oração final como sintagma preposicional.

2.1.4 O Escopo de Sintagmas Preposicionais

Parece-nos óbvio que o escopo dos sintagmas preposicionais em (21a) e em (21c) difere consideravelmente daquele nos

exemplos (21b) e (21d).

- (21a) Alguém me telefonava diariamente para me chatear.
 (21b) Para me chatear, alguém me telefonava diariamente.
 (21c) Com frequência, alguém me telefonava.
 (21d) Alguém me telefonava com frequência.

Em (21a) e (21c), 'alguém' não se refere necessariamente a uma pessoa específica. Em (21b) e (21d), porém, 'alguém' se refere a uma dada pessoa, a qual o locutor desconhece ou prefere não mencionar. Essa diferença de sentido, uma ambigüidade do escopo do quantificador, é um dos critérios usados em Stalnacker e Thomason (1973), para identificar advérbios oracionais. Eles também propõem outros testes para descobrir o escopo de orações. Não os discutiremos aqui, porém, uma vez que a nossa intenção é apenas a de mostrar que o sintagma preposicional pode modificar a oração inteira. Embora isto não seja uma prova de que as orações finais sejam sintagmas preposicionais, este fato elimina um dos possíveis argumentos contra esta análise, já que mostra que não se pode recorrer a critérios semânticos relacionados a esta categoria para afirmar que as orações finais não são sintagmas preposicionais.

Apresentamos neste capítulo vários argumentos a favor de nossa análise de orações finais como sintagmas preposicionais e conseguimos eliminar pelo menos um possível contra-argumento relacionado à semântica contra esta análise. Em vista disto, cremos ter justificado este tratamento.

NOTAS AO CAPÍTULO 2

1. As preposições embaixo de e sob parecem ser sinônimas somente no que diz respeito a espaço físico. Por exemplo, encontramos frases como 'sob a minha autoridade', mas não 'embaixo da minha autoridade'. Agradeço à Dra. Lucy Seki por ter-me chamado a atenção a este fato.

2. Não é verdade que todas as construções infinitivas têm sujeitos, a não ser que consideremos os chamados 'sujeitos impessoais' da mesma forma. Por exemplo, é um tanto difícil afirmar que há um sujeito em sentenças como as seguintes: "Trabalhar com Fulano é difícil" ou "Lamento ter chovido hoje". Agradeço ao meu orientador, Dr. Frank R. Brandon, por esta informação.

3. É interessante observar que o português é um dos poucos idiomas com o chamado 'infinitivo pessoal', ou seja, uma forma do infinitivo que tem flexões morfológicas de acordo com o sujeito. Outras línguas com o infinitivo pessoal são húngaro e turco.

CAPÍTULO 3

COMPLEMENTIZAÇÃO

3.0 Introdução

O problema de estabelecer se os complementizadores estão presentes na base ou inseridos por regra transformacional tem sido objeto de muito estudo e discussão, embora ainda estejamos longe de um tratamento definitivo. Esboçaremos brevemente duas teorias sobre o status dos complementizadores e tentaremos aplicá-las aos nossos dados. Assim, pretendemos entender melhor como essas teorias se aplicam às orações finais.

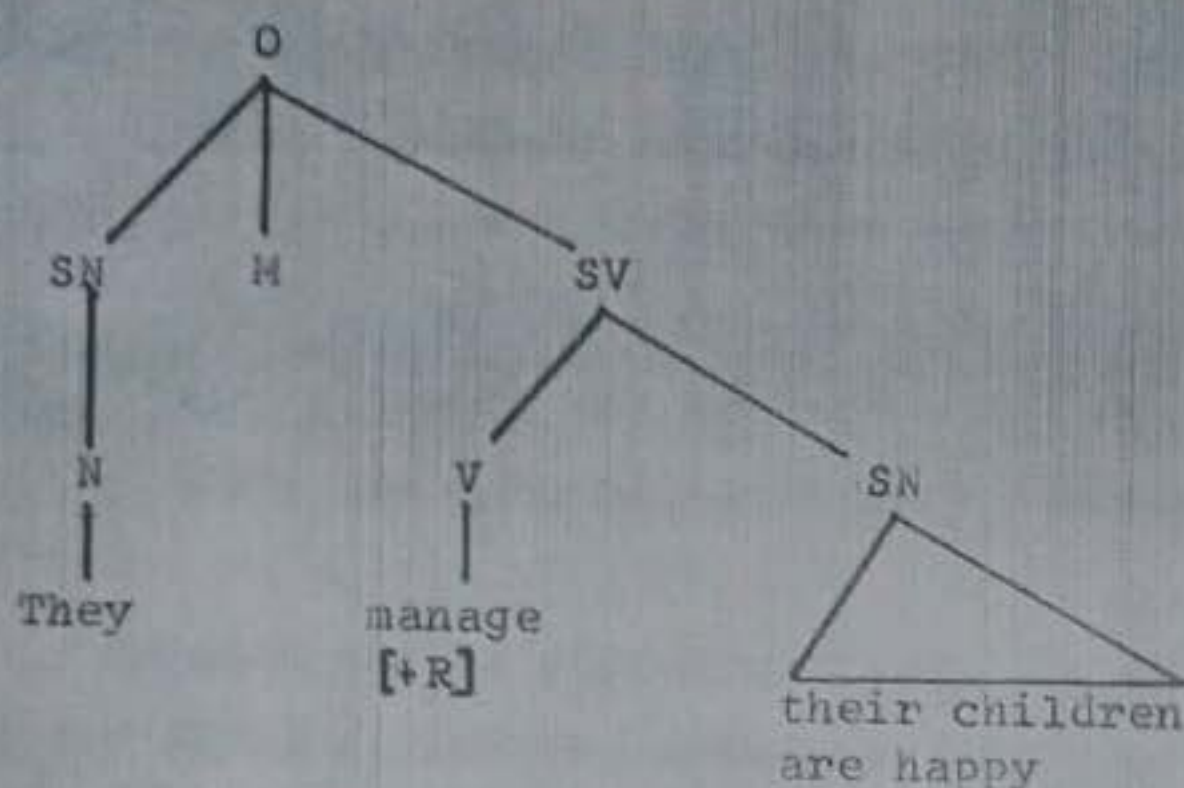
3.1 A Hipótese de Geração dos Complementizadores na Base

A primeira hipótese que será esboçada aqui é a de Bresnan (1970) segundo a qual os complementizadores são introduzidos na base.

Segundo Bresnan, existem apenas duas possibilidades lógicas: inserção ou geração. Para estabelecer a hipótese de geração na base, ela começa por descrever a maneira pela qual uma hipótese de inserção funcionaria a fim de eliminar esta possibilidade. A sua argumentação é a seguinte: ela mostra que o verbo da oração principal tem que ser marcado para aceitar certos complementizadores. Considere os exemplos do conjunto (22) abaixo (numeração minha):

- (22a) They decided that their children were happy.
'Eles concluíram que seus filhos estavam contentes.'
- (22b) *They managed that their children were happy.
*Eles conseguiram que seus filhos estavam contentes.'
- (22c) *They decided for their children to be happy.
*Eles concluíram para seus filhos estarem contentes.'
- (22d) They managed for their children to be happy.
'Eles conseguiram que seus filhos estivessem contentes.'
- (22e) *They decided their children's being happy.
'Eles concluíram estarem seus filhos contentes.'
- (22f) *They managed their children's being happy.
*Eles conseguiram estarem seus filhos contentes.'

Se os complementizadores fossem introduzidos por meio de transformações, seria preciso valeremo-nos do recurso de "traço de regra" (rule feature) para marcar os verbos das orações principais para a aplicação de tais transformações. Tal recurso funcionaria assim: haveria um traço para a aplicação da regra de inserção correspondente a cada um dos complementizadores. Os verbos, então, teriam apenas aqueles complementizadores para os quais eles fossem marcados pelos traços. Digamos que [+R] seja o traço que permite a inserção do complementizador for-to. Vejamos como este traço seria representado na árvore:



3.1.1 Problemas com o Ciclo Estrito dentro de uma Hipótese de Inserção

Bresnan argumenta que a regra de inserção de complementizadores não poderia aplicar-se no primeiro ciclo, já que a transformação somente iria verificar que a regra de inserção de for-to é permitida pelo verbo manage quando encontrasse [+R] no segundo ciclo. Tal tratamento violaria o princípio do ciclo estrito que faz com que nenhuma regra que se aplique numa oração ' O_j ' possa fazer efeito somente sobre uma cadeia de elementos incluídos inteiramente em outra oração ' O_i ', onde O_i é dominada por O_j .

3.1.2 Problemas Semânticos com Inserção

Este argumento baseia-se na falta de sinonímia entre os seguintes dados do inglês (numeração minha):

- (23a) It may distress John for Mary to see his relatives.
'Pode incomodar John que Mary veja seus parentes.'
- (23b) It may distress John that Mary sees his relatives.
'Pode incomodar John que Mary vê seus parentes.'
- (23c) Mary's seeing his relatives may distress John.
'Mary ver seus parentes pode incomodar John.'

Sabemos que as sentenças (23a, b e c) não são sinônimas; (23b) é factiva, enquanto (23a e c) não o são, ou seja, (23b) necessariamente implica que Mary vá de fato ver os parentes do John, enquanto não existe tal presunção nem em (23a) nem em (23c).

Bresnan afirma que esta diferença de significado deve ser o resultado de complementizadores diferentes, uma vez que nenhum auxiliar teria efeito algum sobre a factividade. Veja (23d) abaixo:

- (23d) It may distress John that Mary $\left\{ \begin{array}{l} \text{might} \\ \text{will} \end{array} \right\}$ see his relatives.
'Pode incomodar John que Mary $\left\{ \begin{array}{l} \text{possa} \\ \text{vá} \end{array} \right\}$ ver seus parentes.'

É evidente que este argumento somente é válido dentro de um modelo em que a estrutura profunda seja o único ponto de interpretação semântica.

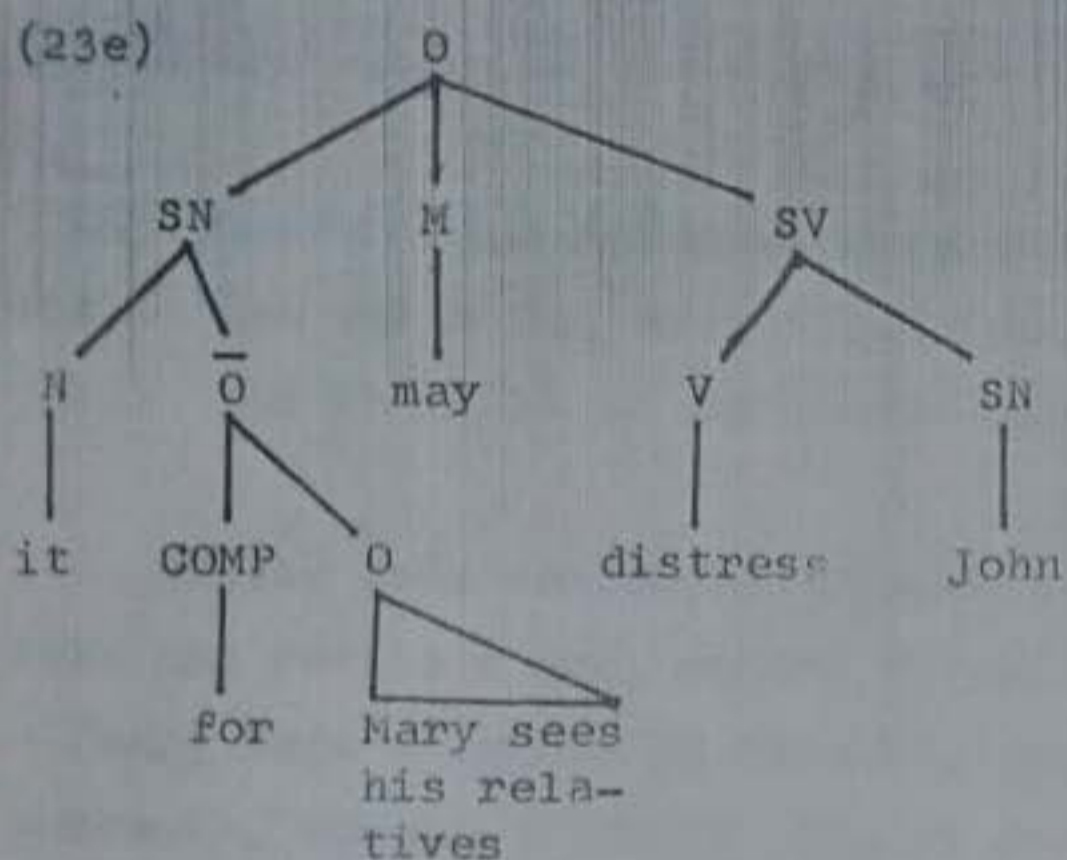
3.1.3 A Hipótese de Geração

Bresnan pretende falsificar a inserção transformacional dos complementizadores usando, entre outros, os argumentos

que vimos acima. Ela propõe no lugar da inserção a seguinte regra de estrutura sintagmática, pela qual o complementizador é introduzido na base:

$$\bar{O} \rightarrow \text{COMP} \quad O$$

Assim, a estrutura de (23a) seria (23e) abaixo:



Como o complementizador for está presente na estrutura profunda, podemos dar conta da inserção de to por uma regra que não viola o princípio do ciclo estrito e explica a não-fatividade de (23a e c). Qualquer sentença gerada por (23e), devido ao complementizador for-to, seria necessariamente não-fativa.

3.2 Uma Hipótese de Inserção de Complementizadores

Passaremos agora a considerar o argumento de Perini (1974). Perini apresenta evidência em favor de uma regra

transformacional que insere o complementizador que; contudo, o infinitivo já deveria estar presente na base, sendo esta a forma normal do verbo.

3.2.1 Factividade no Português

Consideremos os seguintes exemplos do português estudados por Perini (a numeração de todas as sentenças e tabelas de Perini apresentadas aqui é minha):

- (24a) Maria ir ao casamento pode incomodar Geralda
- (24b) que Maria vai ao casamento pode incomodar Geralda
- (24c) que Maria vá ao casamento pode incomodar Geralda

Dessas três sentenças, apenas (24b) é factiva. O que isto nos revela é que, embora o complementizador em (24b) e (24c) seja o mesmo, as duas sentenças não são sinônimas; portanto, segundo Perini: "it is not evident any more that the difference in factivity between [24a] and [24b] is due to a difference in complementizers."

Perini demonstra que a factividade de sentenças encaixadas como estas: "seems to be determined by a relationship between the tense of the main verb and the tense of the embedded one." Considere estes exemplos (Perini, 1974):

- (25a) ?que Maria foi ao casamento pode incomodar Geralda (F)
- (25b) ?que Maria irá ao casamento pode incomodar Geralda (F)
- (25c) *que Maria fosse ao casamento pode incomodar Geralda

Estes dados são representados na tabela seguinte (Perini, 1974):

(26)

<u>Verbo Principal</u>	<u>Verbo Encaixado</u>					
	<u>Indicativo</u>				<u>Subjuntivo</u>	
	Inf.	Pres.	Fut.	Perf.	Pres.	Pass.
pode inf.	NF	F	?F	?F	NF	✗

Vejamos o que acontece quando o verbo principal aparece na forma condicional.

- (27a) Maria ir ao casamento incomodaria Geralda (NF)
 (27b) que Maria vai ao casamento incomodaria Geralda (F)
 (27c) que Maria irá ao casamento incomodaria Geralda (F)
 (27d) que Maria foi ao casamento incomodaria Geralda (F)
 (27e) que Maria fosse ao casamento incomodaria Geralda (NF)

A tabela (28) abaixo representa estes dados assim como os casos de o verbo principal aparecer no perfeito do indicativo e o futuro do indicativo:

(28)

<u>Verbo Principal</u>	<u>Verbo Encaixado</u>					
	<u>Indicativo</u>				<u>Subjuntivo</u>	
	Inf.	Pres.	Fut.	Perf.	Pres.	Pass.
pode inf.	NF	F	?F	NF	NF	✗
condicional	NF	F	F	F	F	NF
perf. do ind.	F	F	?F	?F	?F	F
fut. do ind.	F	F	F	F	F	✗

Apresentamos abaixo o tratamento dispensado por Perini a estes fatos:

"As we see, nonfactivity is not a privilege of infinitive complements. Whenever there is any nonfactive form at all in any given row of table 25, there is always at least one nonfactive finite form with que. This form is in all cases a subjunctive; and its tense depends on the tense of the main verb. If the latter is in the present, it is a present; if, on the other hand, the main verb is in the conditional, it is a past. Therefore, the difference in factivity between the various sentences here considered is not necessarily dependent on the difference in complementizers between them. I conclude that it is not the case in Portuguese that complementizers must be present in the deep structure of sentences like the ones we have been examining."

(Perini, 1974, pág. 10)

3.2.2 Previsibilidade do que

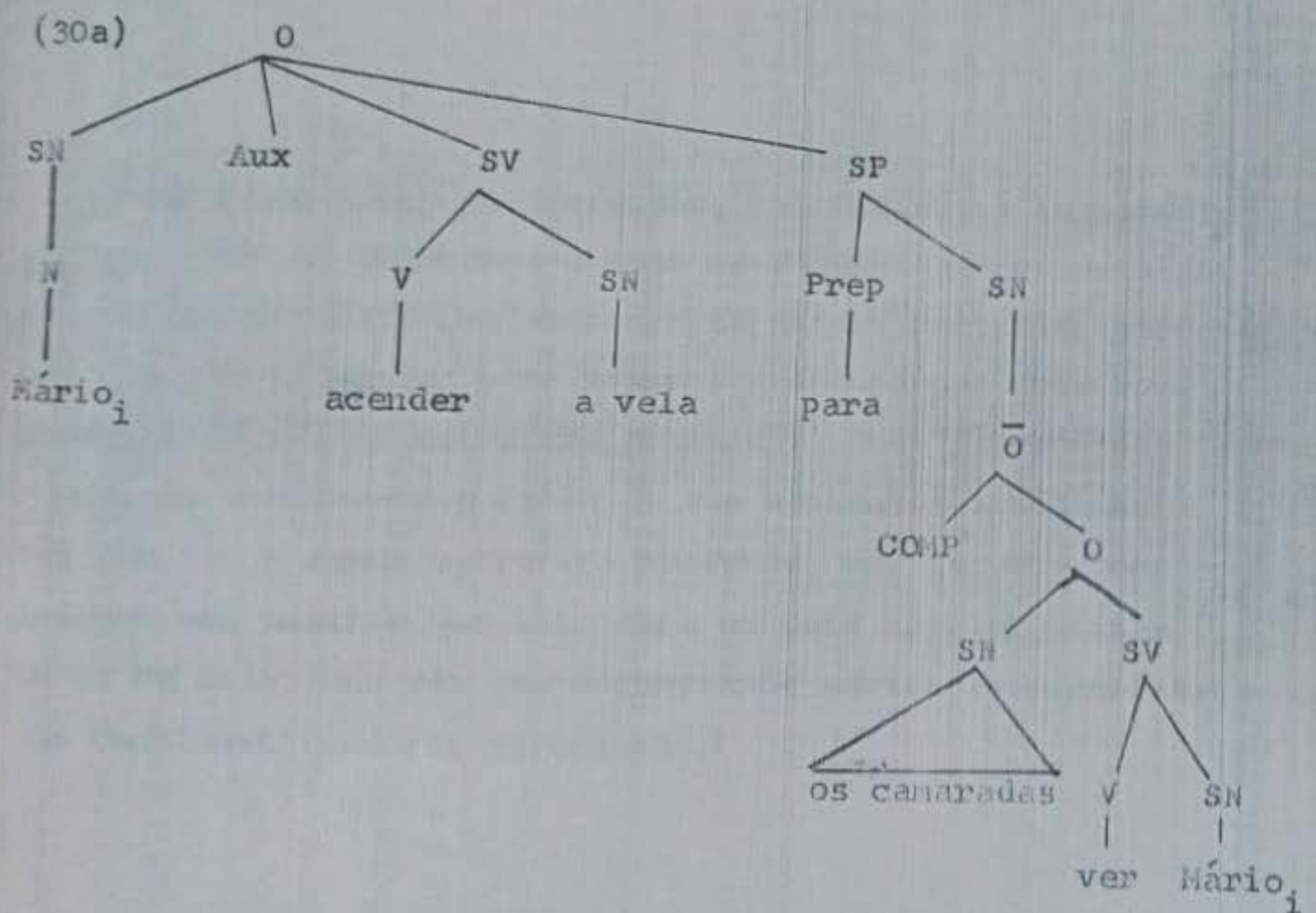
Prosseguindo, Perini apresenta argumentos comprovando a previsibilidade do que no português. Um dos seus argumentos diz respeito à distribuição complementar entre as orações com que e as com o infinitivo em sentenças nas quais o verbo principal é querer. Daremos um argumento paralelo ao de Perini no capítulo 4 desta dissertação. Por enquanto, pedimos ao leitor que aceite este fato.

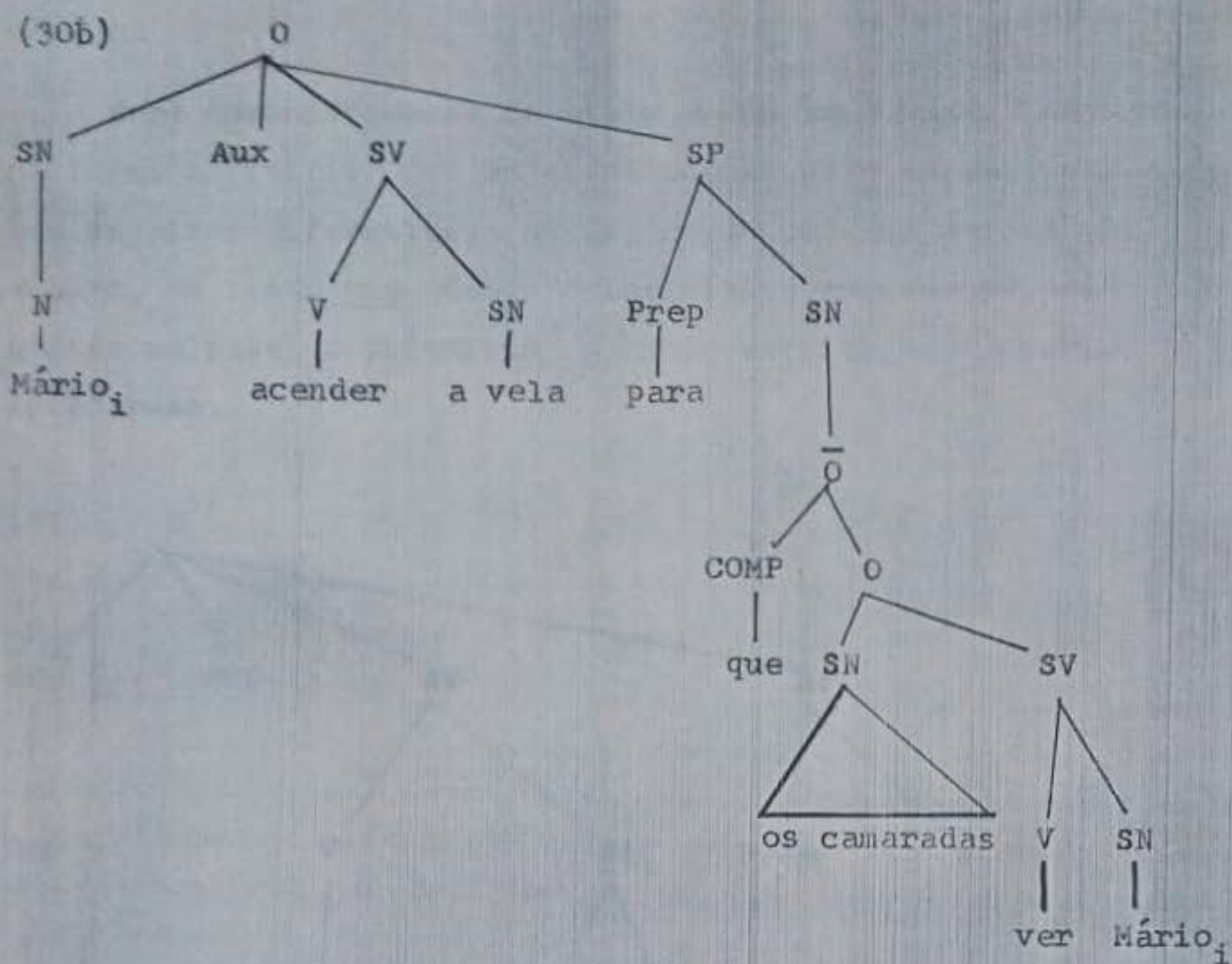
3.3 A Hipótese de Bresnan

Tentemos agora aplicar a hipótese de Bresnan (a de Perini será discutida no capítulo 4) ao português. Mantemos, entretanto, a hipótese já adotada, segundo a qual as orações finais são sintagmas preposicionais. Consideremos o conjunto (29) abaixo:

- (29a) Mário acendeu a vela para ser visto pelos camaradas.
 (29b) Mário acendeu a vela para os camaradas o verem.
 (29c) Mário acendeu a vela para que os bandidos o vissem.

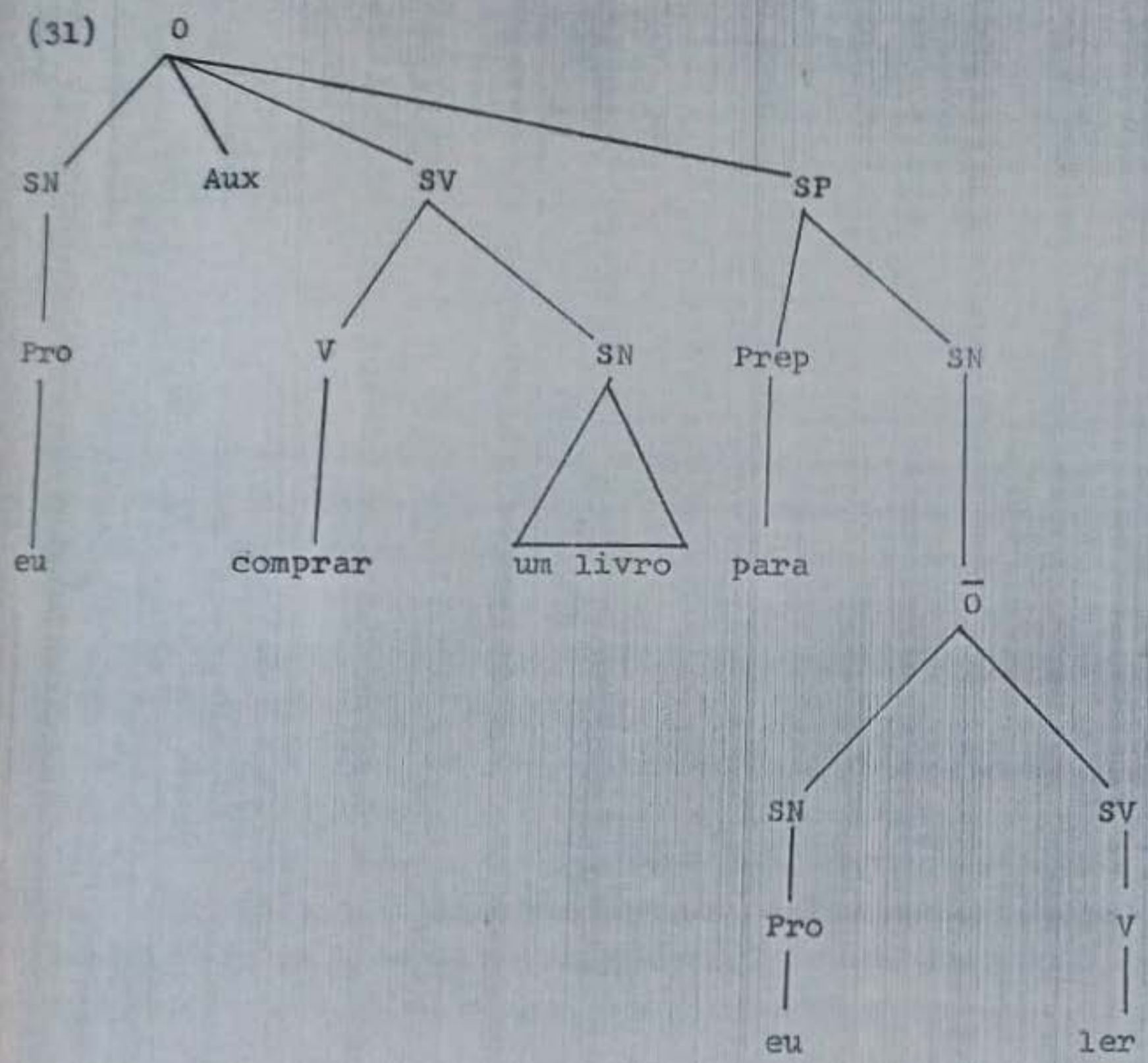
Segundo Bresnan, (29a) e (29b) teriam a mesma estrutura profunda, a saber, (30a) abaixo. A estrutura de (29c), porém, seria outra: (30b).





Com estes dados do português, tal divisão é totalmente ad hoc. Não há diferença alguma de factividade ou de significado que distinga uma sentença da outra; portanto, parecem-nos que não há motivo para supor a presença dos dois complementizadores na estrutura profunda. Como já mencionamos, se aceitarmos a idéia de que sentenças sinônimas têm que ter a mesma estrutura profunda, não teremos como aceitar uma análise que introduza os dois complementizadores na base, uma vez que encontramos sentenças sinônimas com complementizadores diferentes.

Será demonstrado no capítulo 4 que os verbos aparecem na forma infinitiva com sujeitos idênticos e na subjuntiva com sujeitos diferentes. Assim, como vemos na árvore (31) abaixo, se tanto que quanto o infinitivo estivessem presentes na base, o princípio do ciclo estrito não poderia aplicar-se.



Podemos ver que somente se poderia verificar a identidade do sujeito da oração subordinada com o da principal no nível da oração mais alta. Isto invalida qualquer argumento baseado no ciclo estrito para a introdução dos dois complementizadores na base.

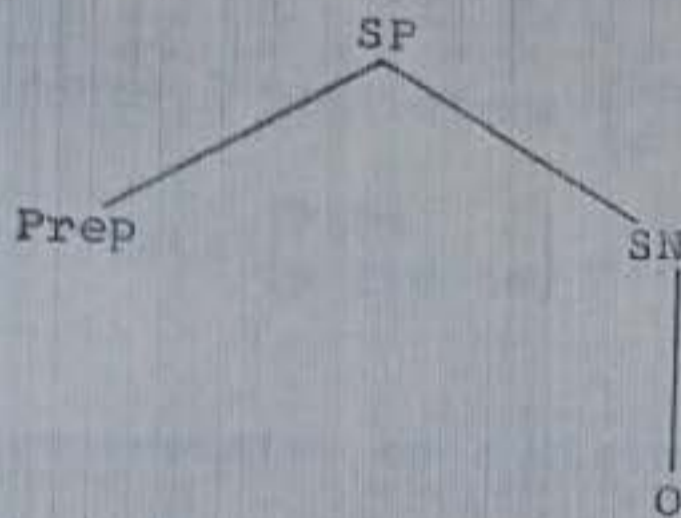
(1) O ponto de interrogação (?) aqui apenas se refere à gramaticalidade da sentença; não indica dúvida sobre a factividade.

CAPÍTULO 4

PREPOSIÇÕES

4.0 Introdução

Já estabelecemos que pode ser justificada a seguinte estrutura para os sintagmas preposicionais que expressam finalidade:



sintagma preposicional
(oração final)

Neste capítulo, abordaremos duas questões fundamentais para o estudo das orações finais: 1) a distribuição das preposições e 2) o problema de garantir que o verbo da oração final apareça sempre na forma morfológica correta. Levando em conta estas duas considerações, teremos que dar conta dos dados em (i) abaixo, exemplificados pelas sentenças em (ii).

- (i) A. SN_i SV {para
a fim de} que SN_j $V_{subj.}$
 B. SN_i SV {para
*a fim de} SN_j $V_{inf.}$
 C. * SN_i SV {para
a fim de} que SN_i $V_{subj.}$
 D. SN_i SV {para
a fim de} SN_i $V_{inf.}$

- (ii) A. Eu trouxe o prato {para
a fim de} que você comesse.
 B. Eu cozinhei {para
*a fim de} você comer.
 C. *Nós fomos à biblioteca {para
a fim de} que estudássemos.
 D. Fui à praia {para
a fim de} me bronzear.

Podemos representar esta distribuição na tabela (A) abaixo:

Preposições	O Comp.	Sujeitos idênticos	Sujeitos diferentes
para	subj.	não	sim
	inf.	sim	sim
a fim de	subj.	não	sim
	inf.	sim	não

4.1 Explicações Possíveis da Tabela (A)

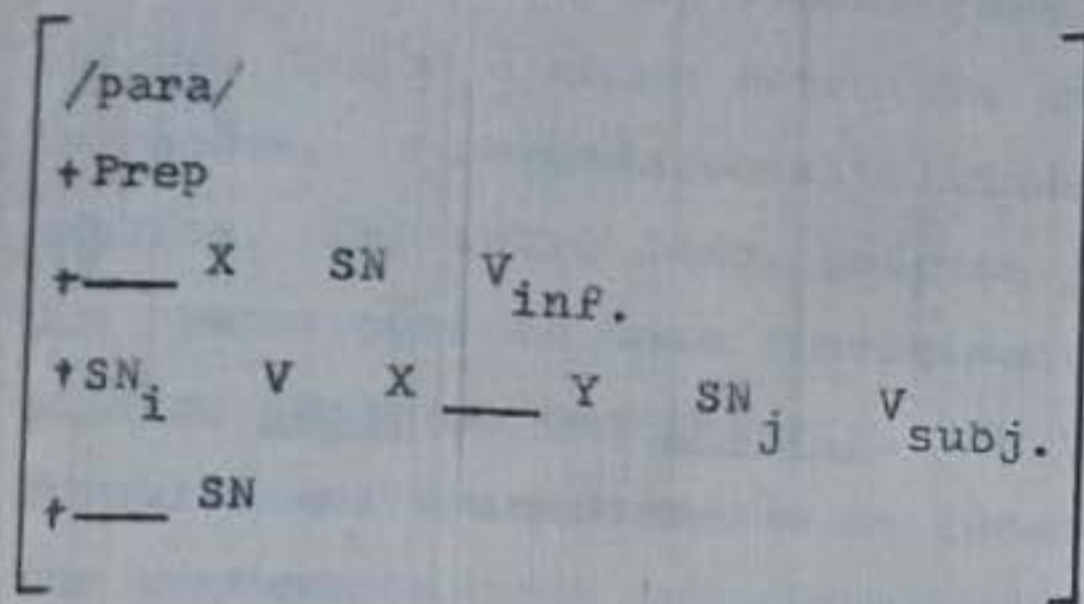
Discutiremos agora várias maneiras para dar conta dos dados de distribuição que acabamos de apresentar. Suponhamos aqui que os infinitivos e subjuntivos sejam introduzidos na base. Por enquanto, não vamos considerar a possibilidade de explicar estes fatos por regras transformacionais. Parece-nos que seria melhor introduzir os infinitivos e subjuntivos na base, da mesma forma que a oração infinitiva é gerada na base na teoria padrão ampliada (extended standard theory) para evitar a regra de infinitivização em inglês.

4.1.1 Subcategorização

Uma possibilidade de dar conta da distribuição das preposições em orações finais seria a de subcategorizá-las da maneira que se segue:

/para/ +Prep +___ X SN V _{inf.} +SN _i V X ___ Y SN _j V _{subj.}
/a fim de/ +Prep +SN _i V X ___ Y SN _i V _{inf.} +SN _i V X ___ Y SN _j V _{subj.}

Perderíamos, entretanto, uma generalização fundamentíssima, uma vez que exercem uma só função semântica. Além do mais, seríamos obrigados a complicar o léxico mais ainda, já que para exerce outras funções além da de expressar finalidade. Tendo isto em mente, teríamos que modificar a subcategorização de para, assim:



Além disso, teríamos que incluir um recurso na base para determinar identidade dos sintagmas nominais, o que deve ser um problema da sintaxe ou da semântica. Concluimos, então, que, embora nos seja possível dar conta dos dados no léxico, é pouco desejável.

4.1.2 Transformação

Uma alternativa à subcategorização seria uma transformação que inserisse as respectivas preposições nos contextos apropriados. Como já foi mostrado, é preferível usar regras de estrutura sintagmática para dar conta da presença das preposições nas orações finais, uma vez que tais regras são mais restritivas em poder gerativo do que as transformações. Ser-nos-ia possível formular uma regra transformacional que inserisse para ou a fim de nos con-

textos apropriados. Contudo, neste caso, teríamos que: 1) suprimir a preposição opcionalmente em certos contextos (exemplo (17g)) por outra transformação ou, 2) o que seria até pior, utilizar uma regra de inserção parcialmente obrigatória e parcialmente opcional. É evidente, no entanto, que estas seriam maneiras muito complexas e pouco explicativas de dar conta das preposições. No primeiro caso, iríamos chegar à mesma estrutura após a aplicação das transformações. A segunda possibilidade, por sua vez, nada explica. Por outro lado, podemos justificar a introdução das preposições na base simplesmente mostrando que é mais simples gerar do que inserir. Em todo caso, tentaremos formular uma transformação de inserção de preposições para ver exatamente como tal transformação funcionaria.

Inserção de Prep nas Orações Finais

X	{	SN	V	X	{ Prep [+final]	}	Y	SN	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

1a regra

1, 2, 3, 4, 5, 6 {para
a fim de}, 7, 8, 9, 10

condição: 3 = 9 e 10 = inf.

condição: 3 ≠ 9 e 10 = subj.

2a regra

1, 2, 3, 4, 5, 6 para, 7, 8, 9, 10

condição: 3 ≠ 9 e 10 = inf.

Esta transformação, como vemos, é complicadíssima e ainda é estranha no sentido de que parece mais uma lista das ocorrências das preposições do que uma transformação explicativa propriamente dita. Parece-nos que pode ser rejeitada sem comentários.

4.1.3 Filtro

Se pudermos dar conta da distribuição das preposições através de um filtro de superfície, simplificaremos muito a nossa tarefa. Quando se emprega um filtro, todas as possibilidades, inclusive as agramaticais, são geradas e as sentenças agramaticais são marcadas como tal na superfície. No caso das orações finais, todas as seqüências possíveis seriam geradas, sendo as seguintes rejeitadas na superfície:

$$\begin{array}{l} *SN_i \quad V \quad X \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{para} \\ \text{a fim de} \end{array} \right\} \quad \text{que} \quad SN_i \\ *SN_i \quad V \quad X \quad \text{a fim de} \quad SN_j \end{array}$$

Vemos que, além de o recurso de filtro ser inexplícito, o primeiro filtro acima é impossível. Os filtros se aplicam ao nível da estrutura de superfície, portanto, após as transformações. Neste caso, EQUI já terá se aplicado, apagando o segundo SN. Esta estrutura, então, não será encontrado na superfície para ser rejeitada pelo filtro. Conseqüentemente, sentenças como (32) seriam geradas.

(32) *Eu_i fui ao jardim $\left\{ \begin{array}{l} \text{para} \\ \text{a fim de} \end{array} \right\}$ que estudasse_i

Perante estes fatos, somos obrigados a abandonar a possibilidade do filtro.

4.2 A Análise de Perini

Acabamos de demonstrar que não podemos dar conta dos fatos da distribuição das preposições nas orações finais dentro de uma análise pela qual o subjuntivo é introduzido na base. Somos obrigados, então, a procurar uma análise que dê conta do subjuntivo através de regra transformacional. Será mostrado aqui que a análise de Perini (1974), que insere o subjuntivo transformacionalmente, é adequada para explicar os fatos considerados aqui, desde que EQUI seja obrigatória em todos os casos, tanto nos sintagmas preposicionais, quanto nos outros casos. Além da vantagem teórica disso (é sempre desejável evitar regras parcialmente obrigatórias e parcialmente opcionais), será demonstrado que esta análise, se EQUI é obrigatória, explica estes fatos de uma maneira muito convincente.

Primeiramente, apresentamos as formulações das regras que nos interessam:

EQUI

D.E.:	X	ζ	SN	Y	ζ	SN	$\left[\begin{array}{c} Te \\ \Delta \end{array} \right]$	Z
	1	2	3	4	5	6	7	8

M.E.: Apaga 6 (obrigatória)

Condição: 3 = 6

Apagamento de Tempo

D.E.: X [SN Te Y [SN Te Z
 1 2 3 4 5 6 7 8 9

M.E.: Apaga 8 (opcional)

Condições: (a) 4 = 8

(b) (com alguns verbos principais) 3 = 7

Inserção de Que

D.E.: X [Y [SN Te Z
 1 2 3 4 5 6 7

M.E.: 1, 2, 3, 4, que + 5, 6, 7 (obrigatória)

Formação do Subjuntivo

Insera 'subjuntivo' nas sentenças com que e sem tempo especificado.

4.2.1 EQUI Obrigatória

Segundo Perini, EQUI é opcional em orações dominadas por SP. Ele afirma que EQUI deveria ser opcional nestes casos para explicar o fenômeno de concordância de infinitivos, exemplificados pelas sentenças que se seguem (numeração minha):

(33a) procuramos uns livros para ler

(33b) ?*procuramos uns livros para lermos

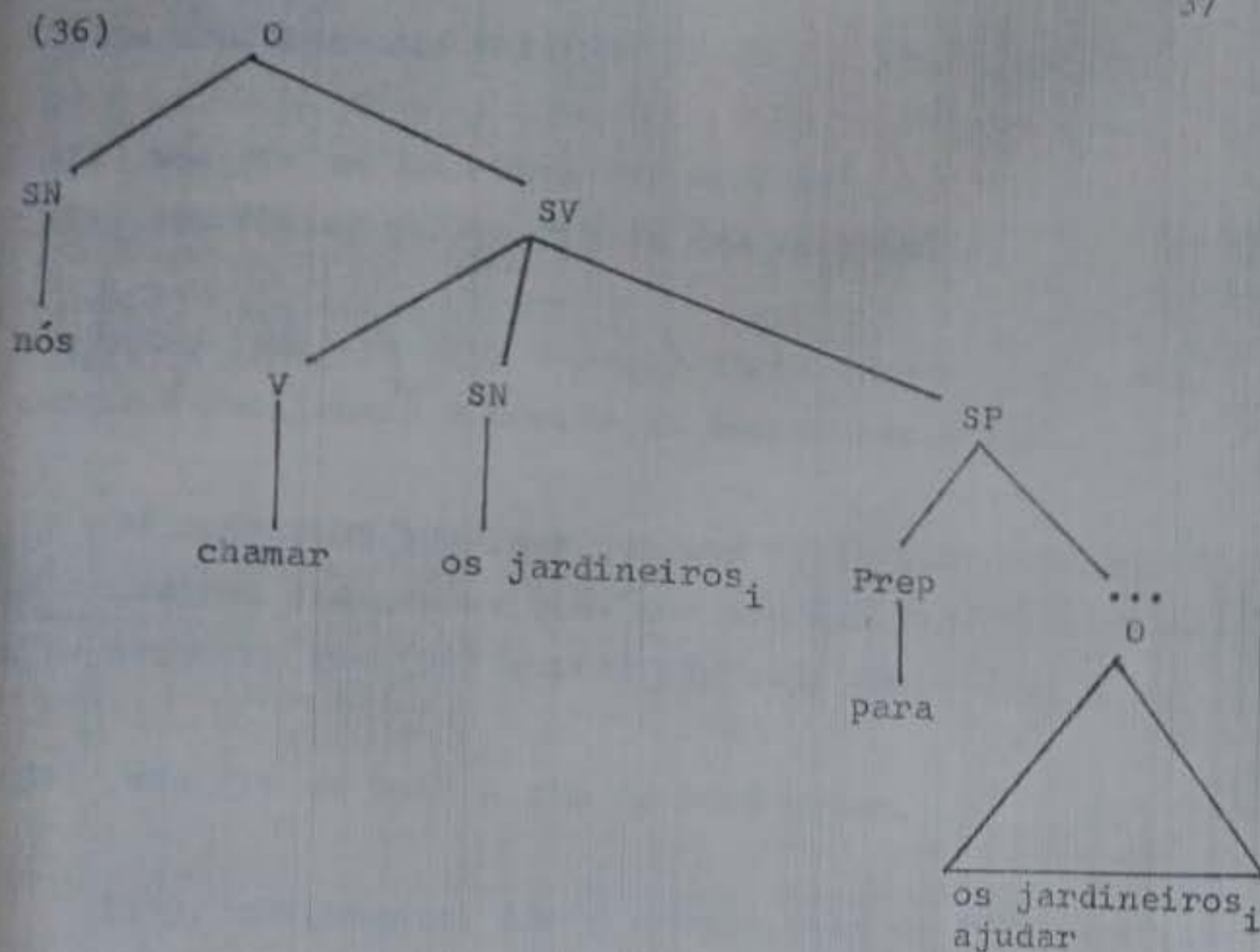
- (34) ?procuramos debaixo dos móveis uns livros de mistério para lermos

Vê-se que, embora duvidosa, (34) é de alguma forma melhor do que (33b). A explicação de Perini é a seguinte: EQUI se aplicou em (32a), produzindo uma sentença gramatical. Porém, se EQUI é de fato opcional em orações dominadas por SP, (33b) e (34) deveriam ser igualmente agramaticais, o que não acontece. Perini explica os fatos de (33b) e (34) com o que ele chama de "filtro de terminação dupla" (double ending constraint). Assim, (33b) é agramatical não por causa de EQUI se aplicar, mas sim porque 'lermos' se encontra perto demais de uma forma verbal flexionada na mesma maneira, a saber, 'procuramos'. Veremos mais adiante, no entanto, que EQUI terá que ser obrigatória em todos os casos para dar conta das orações finais. Assim, o problema de concordância de infinitivos, que não foi satisfatoriamente resolvido até hoje, permanece aberto.

Um outro argumento de Perini para EQUI ser opcional em orações dominadas por sintagmas preposicionais tem a ver com os exemplos abaixo (numeração minha):

- (35a) chamamos os jardineiros_i para ajudar_i
 (35b) chamamos os jardineiros para que ajudassem

Estas sentenças são derivadas a partir da estrutura profunda (36) abaixo:



Segundo Perini, a aplicação de EQUI deriva (35a). Acontece, entretanto, que a regra de EQUI, como geralmente aceita e até como formulada por Perini, não pode se aplicar para derivar nenhuma sentença de (35), uma vez que a regra apaga o sujeito idêntico, enquanto que o que temos aqui é um exemplo de identidade do objeto de uma oração com o sujeito de outra; portanto, EQUI não pode se aplicar. (35a) seria derivada, talvez, pela aplicação de duas regras: 1) pronominalização e 2) apagamento de pronomes.

Veremos agora que a análise de Perini, se EQUI permanece obrigatória em todos os casos, é bastante adequada para dar conta dos fatos considerados aqui, enquanto que EQUI, se opcional nos sintagmas preposicionais, derivará

certas sentenças agramaticais, como as que se seguem:

(37) *Eu fiz um bolo para que eu comesse.

(38) *Eu fiz um bolo a fim de que eu comesse.

Por outro lado, se EQUI é obrigatória nestes casos, evitar-se-á facilmente a derivação dessas sentenças.

Há apenas um problema que nos resta para explicar a distribuição das preposições nas orações finais, a saber, o de garantir que (39) abaixo não seja derivada.

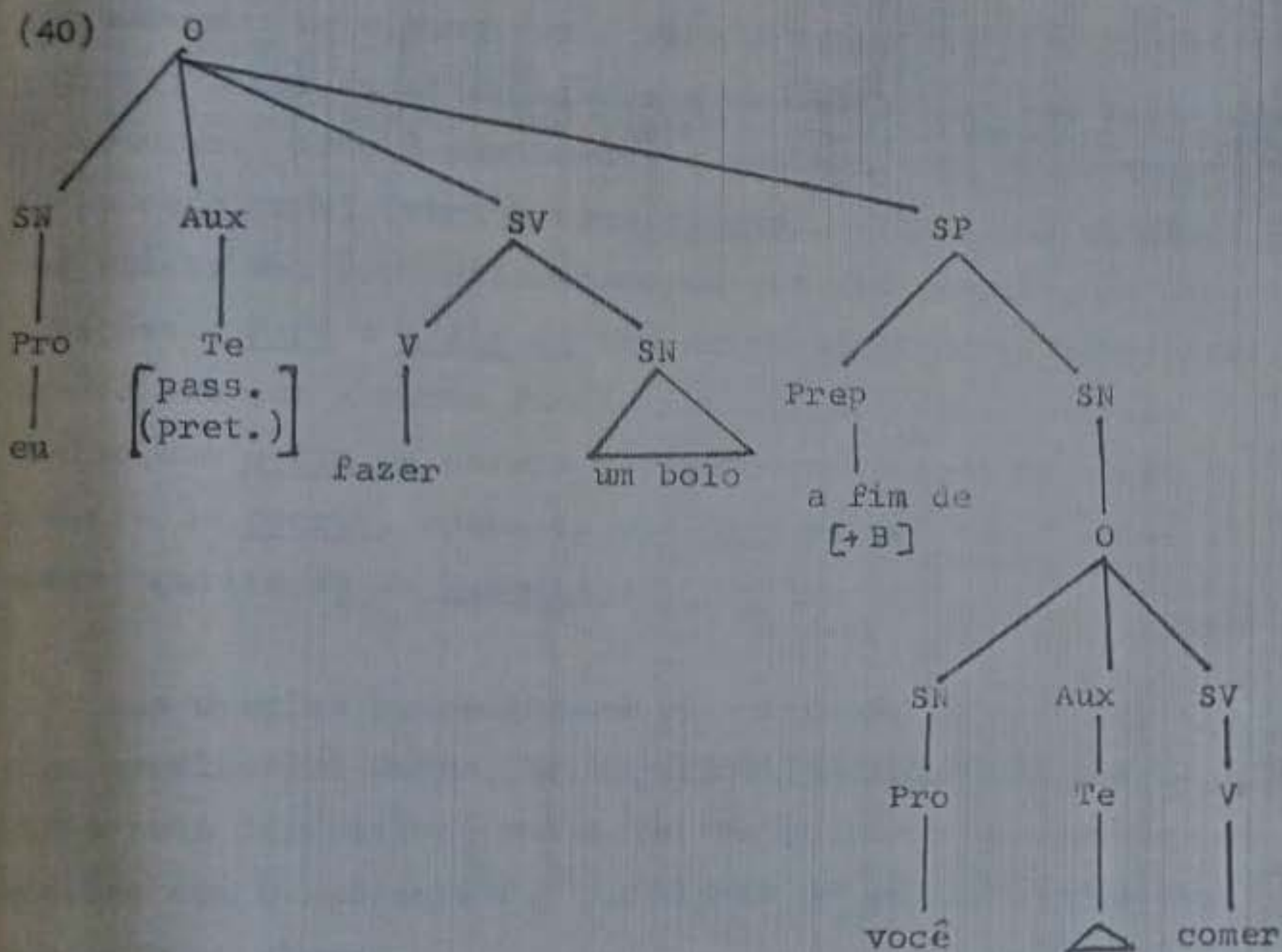
(39) *Eu fiz um bolo a fim de você comer.

(39), obviamente, não é o resultado de EQUI, mas sim o de Apagamento de Tempo ter-se aplicado. Mostraremos abaixo que esta regra também pode se tornar mais abrangente de maneira a garantir que (39) jamais seja produzida.

Lembremo-nos de que a regra de Inserção de que é opcional apenas em orações sem tempo especificado dominadas por SP; em todos os demais casos é obrigatória. Se existe tempo na descrição estrutural da oração subordinada, ter-se-á de aplicar. Inserção de que e (39) não será possível. (Lembre-se de que sempre há tempo, mesmo se não especificado, na estrutura profunda.)

Há duas condições para a aplicação de Apagamento de Tempo: 1) o Te da oração subordinada ter que ser idêntico ao da oração principal e 2) com alguns verbos principais,

o sujeito da oração principal tem que ser idêntico ao da oração subordinada. Se chamarmos o traço que exige a condição de identidade dos sujeitos de [+B] e ampliarmos esta condição de maneira que se aplique a preposições também, poderemos marcar a fim de [+B]. Assim, a estrutura profunda de (39) será (40) abaixo.



A aplicação de Apagamento de Tempo será bloqueada pelo traço [+B] e, portanto, Inserção de que será obrigatória.

Tornando EQUI obrigatória em todos os casos e aplicando a condição (b) da regra de Apagamento de Tempo

a certas preposições tanto quanto a certos verbos, todas as sentenças derivadas serão gramaticais. Mostraremos a seguir que há relações entre verbos e preposições.

4.2.2 Verbos e Preposições

Como vimos na tabela (A), parece que as orações finais são marcadas de alguma forma para o verbo aparecer na forma infinitiva com sujeitos iguais e na subjuntiva com sujeitos diferentes. Isto é exatamente o que acontece no português de um modo geral (verbos como querer). Vê-se, no entanto, que existe uma particularidade no que diz respeito às preposições. Para e a fim de têm subcategorizações diferentes, embora exerçam a mesma função sintática. Será mostrado abaixo que a fim de parece ser subcategorizado da mesma maneira de querer, enquanto que para parece ter a mesma subcategorização de lamentar.

Nas orações subordinadas em português de modo geral, como mencionamos acima, os sujeitos idênticos são governados pelo infinitivo, enquanto que sujeitos diferentes ocorrem com o subjuntivo. Considere os seguintes exemplos com o verbo querer.

- (41a) Quero estudar.
- (41b) Quero que a Maria estude.
- (41c) *Quero a Maria estudar.
- (41d) *Quero que eu estude.

Compare estes exemplos com as seguintes orações finais:

- (42) Fui ao jardim { para
a fim de estudar.
- (43) Fui ao jardim { para
a fim de que Roberto estudasse.
- (44) Fui ao jardim { (a) para
(b) na fim de Roberto estudar.
- (45) *Fui ao jardim { para
a fim de que eu estudasse.

Estes dados mostram que a fim de se comporta da mesma maneira que o verbo querer. Demonstraremos agora que para compartilha o comportamento de lamentar.

- (46) Lamento não poder auxiliá-lo.
- (47) Lamento que Maria não possa auxiliá-lo.
- (48) Lamento Maria não poder auxiliá-lo.
- (49) *Lamento que eu não possa auxiliá-lo.

Com a base nestes dados, consideramos estabelecido que existem certas relações entre verbos e preposições.

4.2.3 Formalização da Análise

Apresentamos aqui a análise que dá conta dos fatos já apresentados.

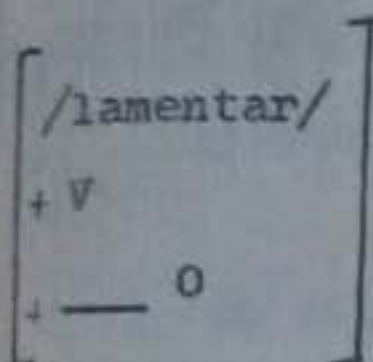
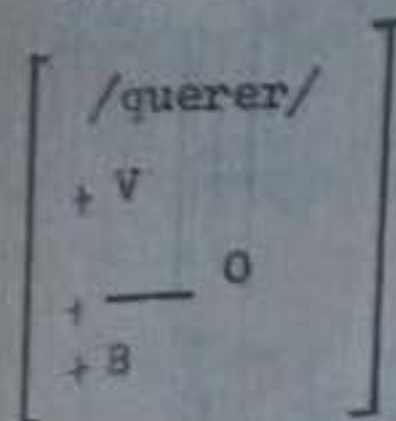
Regras de Estrutura Sintagmática

O → SN Aux SV (SP)

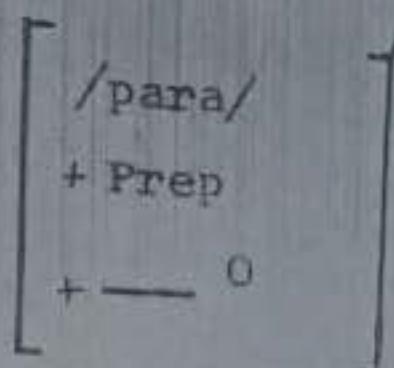
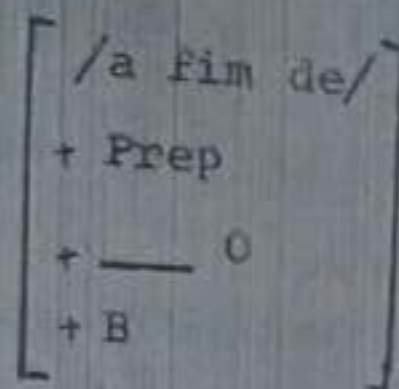
SP → Prep SN

SN → O

Verbos



Preposições



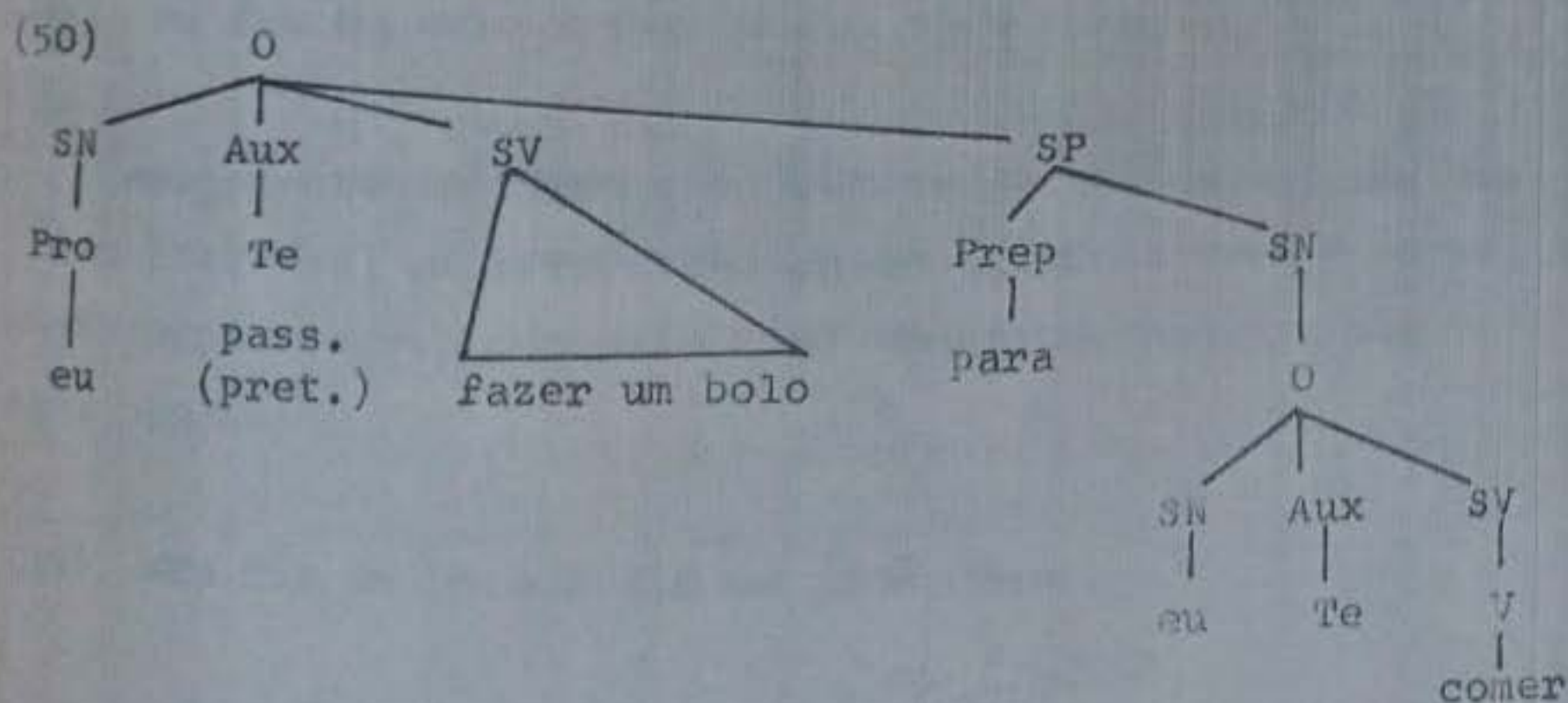
Transformações

As transformações são aquelas já discutidas.

4.2.4 Aplicação

4.2.4.1 Preposições

Vejamos o que esta análise produzirá a partir da estrutura profunda (50).



A aplicação de EQUI produzirá (51).

(51) Eu fiz um bolo para comer.

Consideremos a estrutura profunda (52) abaixo:

(52) [Eu [pass.] fazer um bolo para [você [Te] comer]]
 • [(pret.)]

Apagamento de Tempo produz:

(53) Eu fiz um bolo para você comer.

Agora, sem Apagamento de Tempo, Inserção de que produz

(54) Eu fiz um bolo para que você comesse.

Se partirmos da estrutura profunda (55) abaixo, a aplicação da regra de Inserção de que derivará (56).

(55) [Eu [pass.] fazer um bolo a fim de [você [Te] comer]]
 • [(pret.)] [+B]

(56) Eu fiz um bolo a fim de que você comesse.

Apagamento de Tempo não pode se aplicar aqui, uma vez que o traço [+B] da preposição exige sujeitos para a aplicação desta regra, portanto (39) (repetida abaixo) não será produzida.

(39) *Eu fiz um bolo a fim de você comer.

Diante desses fatos, julgamos ter provado que a análise de Perini não é somente adequada para dar conta das preposições nas orações finais, como também estabelece certas relações entre verbos e preposições. Assim, explica a distribuição das preposições de uma maneira concisa e convincente. Além do mais, a análise de Perini dá conta da presença de que + subjuntivo e do infinitivo. Para esta análise funcionar tivemos que abandonar o seu princípio de "opcionalização" e, portanto, o problema da concordância de infinitivos continua sem explicação.

NOTA FINAL

Orações Finais sem Preposições

Neste ponto, é interessante tentar descobrir em quais condições a preposição da oração final pode ser suprimida. Parece que, nas orações finais, a preposição pode se apagar quando o verbo da oração principal expressa movimento básico, ou seja, com os verbos ir e vir. Se o verbo da oração principal for qualquer outro, a presença da preposição na superfície é obrigatória. Considere os exemplos do conjunto (57) abaixo:

- (57a) Fui à quitanda (para) comprar verduras.
- (57b) Gertrudes veio aqui em casa (para) jantar conosco.
- (57c) Ana trouxe o prato para você comer.
- (57d) Ana trouxe o prato para que você comesse.
- (57e) *Ana trouxe o prato você comer.
- (57f) *Ana trouxe o prato que você comesse.

Vemos aqui que a preposição pode aparecer em todas as orações finais e ainda aparece obrigatoriamente na maioria. A regra que apaga as preposições nas orações finais ((57a) e (57b) acima) é a seguinte:

Regra de Supressão da Preposição em Orações Finais

SN	ir vir	X	para a fim de	SN
1	2	3	4	5 ⇒
1,	2,	3,	4 → ∅,	5

Nota-se que esta regra tem que preceder EQUI para ter a descrição estrutural necessária para a sua aplicação.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

Esta dissertação é a primeira de que temos conhecimento que aborda orações finais per se. Os nossos objetivos foram modestos: apenas tentamos descrever e dar conta de alguns dos fenômenos básicos das orações finais: 1) a sua estrutura, 2) a complementização e, por último, 3) a distribuição das preposições para e a fim de. Este último revelou-se ser o assunto mais complexo dos que foram abordados.

Quanto à estrutura das orações finais, julgamos ter apresentado evidência suficiente para justificar a nossa análise que as trata como sintagmas preposicionais. Também foi adequadamente demonstrado, cremos, que estes sintagmas preposicionais modificam orações e não apenas sintagmas verbais.

No que diz respeito à complementização, rejeitamos a teoria de geração dos complementizadores proposta por Bresnan, demonstrando que tal teoria seria ad hoc no que diz respeito ao português. Foi demonstrado que a análise de Perini, que gera apenas o infinitivo como a chamada "forma crua" do verbo, convertendo-o em subjuntivo por uma transformação em certos contextos, é muito melhor dadas as evidências do português.

Vimos que não é possível dar conta da distribuição das preposições nas orações finais dentro de uma análise que introduza o subjuntivo na base. Vimos, também, que a análise de Perini dá conta desta distribuição. Somente é necessário: 1) tirar a condição de opcionalidade parcial de EQUI e 2) fazer com que a condição (b) da transformação de Apagamento de Tempo se aplique tanto a preposições quanto a verbos. A nossa decisão de fazer EQUI obrigatória em todos os casos reabre o problema de concordância de infinitivos, o qual não foi abordado aqui.

Durante a elaboração desta dissertação, não procuramos defender qualquer modelo da gramática gerativa e tentamos estar sempre conscientes do conflito lexicalista vs. transformacionalista. Foi mostrado que a teoria padrão ampliada (extended standard theory) mais ortodoxa não é capaz de dar conta dos dados do português. Infelizmente, esta teoria foi baseada quase que exclusivamente no inglês, que não apresenta certos fenômenos encontrados no português, por exemplo: infinitivos flexionados, uma distinção nítida entre infinitivos e subjuntivos, etc.

Não foi a nossa intenção tentar aplicar as conclusões desta pesquisa de orações finais a dados de outras línguas, uma vez que a descrição de línguas individuais é básica para o entendimento da gramática universal. Esperamos que este trabalho estimule o estudo de orações finais em outras línguas naturais para testar a universalidade do nosso tratamento.

APÊNDICE

O dialeto principal representado aqui é aquele que nos é mais familiar, a saber, o que é usado por pessoas escolarizadas de nível superior do estado de São Paulo. Todos os nossos dados foram testados com um número muito grande de informantes desta e de outras regiões do Brasil. Apesar disso, a coleção de dados foi complicada pelo fato de que o português, bem como muitas outras línguas naturais do mundo, dispõe de uma grande variedade de maneiras de dizer essencialmente a mesma coisa, dependendo de critérios situacionais ou pragmáticos. Acreditamos ser muito provável, então, que várias sentenças tenham sido rejeitadas simplesmente porque o informante não conseguiu se imaginar dentro de uma situação na qual tal sentença fosse apropriada. cremos, entretanto, que se uma sentença requer um contexto especial para ser aceita, é provável que isto se deva a um comportamento sintático fora do comum. Por isso, este estudo foi baseado em sentenças isoladas, embora reconheçamos que este procedimento é um tanto artificial.

- Azevedo, Milton. 1976. O Subjuntivo em Português. Petrópolis, Vozes
- Barbara, Leila. 1975. Sintaxe Transformacional do Modo Verbal. São Paulo, Ática
- Bresnan, Joan. 1970. "On Complementizers: towards a syntactic theory of complement types". *Foundations of Language*, 6: 297-321
- Chomsky, Noam. 1965a. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass., The MIT Press
- _____. 1977b. "Filters and Control". *Linguistic Inquiry*, vol 8.3
- Klein, Flora. 1977. "Pragmatic Constraints on Distribution: the Spanish Subjunctive". *Papers from the Eleventh Regional Meeting, Chicago Linguistic Society*, Chicago
- Long, Mark. 1976. Semantic Verb Classes and their Role in French Predicate Complementation. The University of Texas. Reproduced by the Indiana Linguistics Club
- Perini, Mário. 1974. A Grammar of Portuguese Infinitives. Dissertação de doutorado, The University of Texas

Quicoli, A.C. 1972. Aspects of Portuguese Complementation.
Dissertação de doutorado. Buffalo, State University of
New York

Stalnacker Robert C. e Thomason, Richmond H. 1973. "A
semantic Theory of Adverbs". *Linguistic Inquiry*, vol. 4.2

Unidade Bc
Proc _____
A. n.º _____
Vencido deacs
Data 18/8/82